

# **PRETINHA, EU? LITERATURA INFANTO-JUVENIL E IDENTIDADE NEGRA: NOVOS OLHARES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NEGROS**

Adeilma Machado dos Santos<sup>1</sup>

*Pretinha, eu?*, antes de ser um livro ou uma pergunta, traz em suas páginas muitas dúvidas, dos temores e dos falsos conceitos que nortearam minha própria existência até os vinte anos. Não é autobiográfico, mas em algumas partes, podem acreditar, tem a minha cara. Nele eu sou a Vânia e também a Bel, a determinação soldadesca de uma e a inquietação de outra me pertenceram durante bastante tempo e, pior, devem pertencer a muitas outras pessoas. (Prefácio do autor – fragmento)

## **1. Introdução**

Conforme Kleiman (1989, p. 7) “a aprendizagem da criança na escola está fundamentada na leitura”. Nessa perspectiva, a leitura torna-se algo fundamental para a formação desses iniciantes, uma vez que é através dela que as crianças e – nos é permitido abranger aos jovens – em sua maioria, têm seu primeiro contato com o mundo da fantasia que lhes é apresentado através de contos de fadas, fábulas, mitos, obras literárias.

A leitura caracteriza-se como interação entre leitor-livro e leitor-mundo, e é através dessa interação com o outro e com o mundo que vamos construindo nossa identidade (VIGOTSKI: 1987). Sendo assim, a escolha dos livros literários – os intitulados paradidáticos – nas escolas deve ser algo bem analisado, uma vez que ele influenciará na formação leitora de nossos alunos.

“A linguagem já foi caracterizada como ‘instrumento mais eficiente para interferir na vida interior dos outros’. Não a linguagem, diríamos, mas o homem através dela, através de seu texto” (KLEIMAN, 1989, p. 65). Isto posto, cabe a nós educadores nos questionarmos acerca das obras que apresentamos aos nossos alunos. Como, em nossa formação está presente o discurso de leitura como interação e identificação se os livros que, muitas vezes, levamos para sala de aula não promovem esse reconhecimento entre nossos alunos negros e seus personagens, sua cultura, seus conflitos? Ou, em alguns casos, quando há personagens negros, esses são retratados de forma subalternizada, preconceituosa? Tendo em vista esses questionamentos, o presente artigo busca levantar uma reflexão acerca da importância de uma (re)avaliação das obras literárias que circulam em nossas salas de aula, a fim de substituí-las por outras que promovam um resgate da cultura Afrobrasileira e uma possível desconstrução

---

<sup>1</sup>Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

de estereótipos pré-estabelecidos, e, conseqüentemente possibilitar aos alunos negros não somente um reconhecimento com as mesmas, mas também um apoio em sua (re)afirmação identitária.

## **2. E... Qual a função do texto literário?**

A leitura como atividade de linguagem é uma prática social de alcance político. Ao promover a interação entre indivíduos, a leitura, compreendida não só como leitura da palavra, mas também como leitura do mundo, deve ser atividade constitutiva de sujeitos capazes de entender o mundo e nele atuar como cidadãos. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 22)

Entendendo a leitura a partir da concepção de Brandão e Micheletti (2001), é possível inferir que a leitura proporciona à criança muito mais do que um momento de fruição e entretenimento, uma vez que esse não é e não deve ser um ato passivo, pois quem escreve subentende um leitor que será capaz de “preencher” as lacunas oferecidas pelo texto. Isto por que “se um texto é marcado por sua incompletude e só se completa no ato de leitura [...] o ato de ler não pode ser considerado um ato passivo” (Idem, p.22). Portanto, a leitura é responsável pela formação do indivíduo, que a partir dela torna-se sujeito, podendo atuar ativa e criticamente na sociedade em que está inserido. Por outro lado, o texto literário, muito mais “lacunar” do que qualquer outro, exige uma participação maior do leitor, pois,

A literatura é um discurso carregado de vivência íntima e profunda que suscita no leitor o desejo de prolongar ou renovar as experiências que veicula. Constitui um elo privilegiado entre homem e o mundo, pois supre as fantasias, desencadeia nossas emoções, ativa o nosso intelecto, trazendo e produzindo conhecimento. Ela é a criação, uma espécie de irrealidade que adensa a realidade, tornando-nos observadores de nós mesmos. Ler um texto literário significa entrar em novas relações, sofrer um processo de transformação. (Idem, p. 22-3).

Dessa forma, pode-se entender que o texto literário apresenta-se como plurissignificativo, aberto, dialógico (SILVA, 2004), ou seja, se trata de um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e assim, sendo entendida na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a (CÂNDIDO, 2000). No entanto, sabe-se que as obras escolhidas pelos professores, nem sempre correspondem às obras que deveriam ser adotadas visando à abrangência cultural existente nas salas de aula, seja de escolas particulares ou públicas. Isso implica em dizer que, o texto literário, provavelmente não alcançará seus objetivos se os educadores não adotarem obras que promovam essa interação com o leitor.

A escolha do livro literário nas escolas, muitas vezes não privilegia a inclusão étnico-racial; isso por que, quase sempre a visão que algumas instituições têm a respeito do texto literário, ainda é pautada em “diversão”, “entretenimento”. Diante disso, cabe a nós educadores, atentarmos ao fato de que, a criança ou o adolescente, dificilmente descobrirá esse amor pela leitura, se esta, em seu interstício, não lhe oferece espaço, não a menciona, não aborda conflitos relacionados às questões sociais, raciais - de preconceito -, que infelizmente ainda são vivenciados por determinados alunos, em razão de sua cor. É uma problemática ainda em evidência, pois a maioria dos livros infanto-juvenis lidos nas escolas, atualmente, não incluem personagens negros, e, quando isso acontece, o negro é elemento secundário, um melhor amigo da personagem principal, um infrator, um mendigo, um viciado, ou alguém que, de acordo com Oliveira (2003), apoia-se no branco a fim de ascender, obter algum prestígio social ou até mesmo proteção. Além disso, como atesta a mesma, “a literatura pode corroborar com ideias racistas e preconceituosas, dependendo de como se tece os personagens” (p.110). Isso mostra que tais estereótipos disseminados por alguns livros, ao invés de contribuírem para a inclusão do aluno negro no contexto escolar, trilham o caminho contrário, pois favorecem a depreciação e estigmatização do aluno negro que, conseqüentemente será relacionado a esses personagens, por seus colegas de classe. É importante ressaltar que a literatura infanto-juvenil não é responsável pela não aceitação das crianças e jovens, mas ela possui forte influência e por isso, deve ser atentamente analisada.

### **3. Pretinha, eu? A inclusão do sujeito leitor negro na literatura infanto-juvenil**

Atualmente, a Lei 10.639, sancionada em nove de janeiro de 2003, pelo ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e incluiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-brasileira em todos os currículos escolares<sup>2</sup>. Este evento fez com que as escolas buscassem incluir em seus currículos obras que mencionassem personagens negros em suas tramas, porém a busca desenfreada sem uma análise crítica não favoreceu a inclusão da cultura afro-brasileira nos estudos literários, uma vez que, não se trata somente de mostrarem o negro, mas de como o perfil dele é traçado, seu comportamento.

---

<sup>1</sup>Lei 10.639/2003. História e Cultura Afrobrasileira e Africana.

Outro problema a ser levantado é com relação aos mediadores do processo de leitura: como os educadores direcionam suas aulas, mesmo diante de obras que reafirmam os estereótipos preconceituosos contidos nas obras literárias?

Como matéria de análise, atentaremos para o paradidático da série “Diálogo”, do autor (negro) Júlio Emílio Braz, *Pretinha, eu?*, lançado pela Editora Scipione, para crianças de onze anos. O livro conta a história de uma menina negra, chamada Vânia, que entra como aluna bolsista em um colégio de classe média. A menina recebe essa bolsa de estudos do patrão da sua mãe (que é o diretor do colégio). A mãe, por sua vez é negra e lavadeira. Ao entrar no Colégio Harmonia, Vânia depara-se com um grupo de meninas (brancas) que logo começam a implicar por causa da sua cor. O estereótipo de Vânia é logo traçado no início da história:

Vânia tinha o cabelo duro preso num monte de trancinhas como aqueles cantores de *reggae* que a gente vê na televisão. Os lábios eram grossos e vermelhos. Nariz de batata. Os olhos, grandes e brancos. Os dentes iluminavam um sorriso enorme e brilhante como o sol. (p.8)

De acordo com Brookshaw (1983, p.10) “é importante lembrar, contudo, que o jogo de estereótipos é um jogo de oposições. Implícito na mente de quem estereotipa está o estereótipo que ele faz de si mesmo e de sua categoria”. E é dessa forma que as meninas daquela escola sentiam-se com relação à Vânia, superiores em virtude de uma posição social privilegiada e fenótipos europeizantes. A obra é narrada por uma componente desse grupo “Bel”, que, filha de mãe loira e pai negro, não se considerava negra e sim, morena clara.

Aquilo não podia estar acontecendo no Colégio Harmonia.

Por quê?

Porque, em cem anos de tradição, jamais alguém como Vânia entrara lá. Pelo menos, não como aluna.

Por quê?

Porque ela era... era... era... era preta, pretinha, pretinha, pretinha de parecer azul.

O impacto foi tão grande que a primeira reação das pessoas – alunos, pais e alguns professores – foi de espanto. E dos grandes. Era algo surpreendente.

Em seguida vieram os risinhos debochados. As brincadeiras sem graça. A implicância. (BRAZ, 1997, p.7)

A líder do grupo, Carmita, fazia de tudo para tornar a vida de Vânia um inferno, mas a menina que se mostrava muito inteligente, pois tirava as maiores notas da sala, não se sentia intimidada pelas “brincadeiras” direcionadas a ela. Vânia, com sua inteligência singular, conquista alguns amigos e a professora Renata que sempre repreendia Carmita quando percebia que esta possivelmente poderia tramar algo contra Vânia. A história envereda por outro viés quando Bel, ao relatar os fatos, se deixa trair por seu discurso ao descrever suas amigas de grupo: Carmita com seus cabelos vermelhos, olhos azuis e pele branca, Bárbara loura de olhos verdes, Vivi com seus cabelos negros, mas de pele também branca, Tatiana até

ganhara o apelido de Gringa, por causa dos seus cabelos cor de palha e a pele avermelhada. Mas ela...

Eu era morena. Não tão preta quanto a Vânia, ou com o cabelo 'ruim' e os lábios grossos, mas eu era morena clara. Tinha os olhos negros. Os cabelos curtos, também pretos, também menos lisos do que gostaria que fossem, mas bem melhores do que os dela.

Sei lá, Vânia me assustava. Eu nem sequer gostava de ficar muito perto dela. Era medo de que me notassem a semelhança há tanto tempo ignorada ou simplesmente despercebida. Talvez fosse por causa desse medo que eu mexia com ela como as outras meninas gostavam de mexer. Era assustador admitir que nós duas possuíamos alguma coisa em comum. Apesar de Vânia ser mais pretinha do que eu. (p. 11)

Ela era uma menina que não aceitava a sua descendência negra, mais por influência da mãe que era loura e do pai - que, também negro - não atentava para o fato, uma vez que a profissão que exercia - era advogado - camuflava esse "detalhe", dando-lhe *status*. Bel possuía amigas, era aceita na escola e ninguém a tratava com indiferença. Ela ilustra o que Brokshaw (idem) menciona em seu livro *Raça e cor na literatura brasileira*, no tocante ao negro que aparentemente é aceito pela sociedade "pois a personalidade preconceituosa vê nele uma exceção, um 'negro com alma branca'" (p.11-2), como acontece com a mãe de Bel ante o seu marido. Ao longo da história, é possível percebermos que a chegada da personagem Vânia, apenas abre caminho para que Bel perceba que há algo de "errado" em sua vida. A mãe, assim como os outros, mostra-se preconceituosa quando Bel fala da chegada de Vânia na escola, sempre fugindo dos questionamentos da filha que nunca entendeu o fato de a mãe não gostar de negros, mas ter casado com um. Esse comportamento instiga ainda mais a menina a querer saber sobre a sua origem pois, ao observar o álbum de família, percebe a ausência de alguns familiares paternos. Esse fato instaura na cabeça da menina um conflito acerca da união de seus pais... "penso que meu pai tinha dinheiro e minha mãe, não. Que o pai de minha mãe estava sem um tostão e nem pôde pagar meu pai para defendê-lo num julgamento de sei-lá-o-quê... Não, não é nada disso." (p.38).

O mais engraçado é que, ao contrário da mãe da Carmita, que é casada com um homem branco, a minha mãe é casada com meu pai, que é negro. Ele pode ficar dizendo que é mulato e a minha mãe pode presenteá-lo com um "moreno" dos mais simpáticos, mas ele é negro.

Será que minha mãe já notou isso?

E, se notou, por que fica dizendo aquelas coisas, escondendo as fotos dos parentes do meu pai do álbum da família?

"Preto de alma branca."

"É preto, mas é boa gente."

[...] Nessas horas, eu quase sempre penso nas razões que levaram minha mãe a se casar com meu pai. Fico triste nessas horas, pois penso um monte de coisas ruins. (Idem)

A história segue, Bel continua tratando Vânia com indiferença e desprezo, por medo de perder as amigas de classe, mas, após uma festa de São João organizada pela diretoria da escola, para a qual Vânia recebe o convite para ser a noiva da quadrilha, Carmita derrama comida em sua roupa branca imaginando que a menina desistiria de participar da festa. Nesse momento, Bel ainda tímida e receosa decide vencer o medo e fala com Vânia. Elas tornam-se amigas, Bel conhece um lado da nova amiga que esta não mostrara, uma vez que não possuía espaço, pois era subjugada pela maioria. Ao agir dessa forma, Bel vai contra todos: suas amigas de grupo que não aceitaram o fato de vê-la na companhia de uma negra e sua mãe que também não aceitara que a filha pudesse ser amiga de uma negra de cabelo “ruim”. Porém, ao fazer isso, muito mais do que incluindo Vânia ao ambiente escolar, Bel estava reconhecendo-se e aceitando-se como negra e, aos poucos, descobrindo que o comportamento da sua família era fundamentado em um preconceito racial escamoteado por expressões veladas. A menina, afinal, conseguiu vencer os medos que a inquietavam, provocados pela presença de Vânia, o que influenciou também o comportamento do seu pai que enfim, assumiu sua família negra, repondo ao álbum de fotografias as fotos que havia retirado por vergonha e para agradar a sua esposa.

Na obra, vemos evidenciados dois perfis distintos: o negro pobre, subalterno, oriundo de uma família desprestigiada socialmente, vítima de preconceito por causa de sua origem e fenótipo (Vânia), e o outro, com traços europeizados, mas que nega as suas raízes, por fazer parte da classe média (Bel). Nesse contexto, o livro *Pretinha, eu?* Aborda a questão do preconceito racial de forma clara, objetiva e eficaz, uma vez que mostra a personagem Vânia, com origem humilde, mas com força de vontade, coragem e determinação: um estereótipo reformado e não deformado por uma consciência racista, pois obstinada, supera o preconceito em favor de suas realizações pessoais e profissionais. Além disso, vemos outro conflito instaurado através de Bel, que por não se reconhecer negra subjugava Vânia, influenciada por suas amigas de grupo, mas que acaba superando seu preconceito e se autoafirmando enquanto negra, resgatando as suas raízes paternas. Também não podemos deixar de evidenciar o comportamento de Carmita, que embora no desenvolver da história ainda continue com a mesma visão preconceituosa com relação à Vânia, e agora a Bel, aprende a respeitá-las. Mas, coube ao diretor da escola, juntamente com professores e auxiliares, reunirem-se a fim de abordar a problemática do preconceito racial. É quando todos se unem que conceitos começam a ser (re)avaliados.

Com isso o autor mostra quão difícil é desconstruir um conceito histórico, socialmente sedimentado e arraigado nos sujeitos, tornando-se um trabalho delicado, mas não impossível.

Essa obra é um excelente objeto de estudo em sala de aula, ao passo que traz conflitos reais que suscitam questionamentos pertinentes ao trabalho da problemática étnico-racial, tão presente em nossa sociedade. Isso por que, se observarmos atentamente o mercado livresco, é possível identificarmos personagens negros nas tramas, porém, como salienta Oliveira (2003) embora hoje o personagem negro esteja presente nas narrativas grande parte das temáticas abordadas não o menciona de forma positiva. Tal fato merece atenção, uma vez que a literatura enquanto espelho da realidade, atua no imaginário do leitor formando conceitos, e no caso do aluno negro, isso contribuirá para a visão reducionista que os outros têm dele e ele tem de si, na grande maioria. Além disso:

a obra literária destinada às crianças e jovens lhes possibilita a interrogação de 'si mesmos, bem como do 'mundo que os rodeia'. Mais ainda orienta 'seus interesses, suas aspirações' e a necessidade de autoafirmação. [...] a literatura infanto-juvenil com suas cores, imagens e personagens, contribui para que os destinatários atentem para o universo que se tece à sua frente, bem como para a percepção de si mesmos. Essa autopercepção é uma constante nas obras literárias infanto-juvenis, já que alguns personagens negros procuram construir a própria identidade deles imersos em um universo permeado pelo padrão branco de beleza, daí é que emerge o conflito existencial desses seres ficcionais. (idem, p. 71)

Portanto, vemos a necessidade de olharmos atentamente para a questão das obras escolhidas para análise em sala de aula; um ambiente pluralizado que precisa de obras que resgatem a cultura dos povos como algo positivo historicamente e não estórias que retratem seres animalizados, subalternizados, subjugados e desprestigiados. É preciso uma mudança no atual cenário da literatura infanto-juvenil, para assim, os nossos alunos negros sentirem-se incluídos em histórias que falem sobre eles, que os auxiliem na formação de sua identidade e aceitação.

#### 4. Considerações finais

Júlio Emílio Braz, em sua obra voltada para o público infanto-juvenil, buscou retratar uma temática muito polêmica e pouco abordada, da maneira correta, em sala de aula: o preconceito étnico-racial. Se a leitura é responsável, entre outros, pela formação cidadã dos sujeitos, e se é na escola que a grande parte dos nossos leitores adentram a esse mundo imaginário, cabe a ela incluir em seu material de análise obras que favoreçam a pluralidade cultural existente em sala de aula. Infelizmente, ao lançarmos nosso olhar aos paradidáticos infanto-juvenis, constatamos que “[...] o branco enquanto personagem, recebe uma elaboração maior que o não branco” (ROSEMBERG, 1985, p. 84 *apud* OLIVEIRA, 2003, p. 40); ou seja, o negro ao ser inserido nessas tramas, aparece quase sempre como elemento secundário ou ocupando um lugar de desprestígio social. Embora exista negros (e também brancos) que ocupem tais espaços, o problema está na ideia disseminada de que o negro, pelas condições sociais, dificilmente possa ascender ou conseguir êxito profissional e pessoal. Muitas dessas obras, retratam seres sem nome e sem referência, incapazes de vencer os obstáculos diários que lhes são impostos, e que por falta de obstinação acabam entregues às drogas, à criminalidade ou à morte. As crianças e jovens enquanto sujeitos em formação, poderão ser influenciadas por tais ideias preconceituosas que, sutilmente lhes são transmitidas através de histórias infantis e aparentemente ingênuas. Outra questão é pautada em como as crianças e jovens negros poderão alterar a visão que a sociedade tem deles e que eles têm de si mesmos, se não encontrarem apoio em suas leituras. Como se sentirão incluídos em uma sociedade que não valoriza sua história e cultura, que o vê como simulacro fruto de um passado de escravização ou ainda que o enxerga como o “feio” por não possuir um padrão de beleza europeu? O trabalho docente torna-se muito mais difícil nesse sentido, pois atua na mediação da leitura, que influenciará na formação da identidade de jovens, buscando uma ruptura com o estereótipo pré-estabelecido. É essencial que nossos jovens procurem construir sua identidade em um universo que o retrate positivamente e isso só poderá acontecer quando um olhar crítico for atribuído aos paradidáticos escolhidos para serem trabalhados em sala. Do contrário, continuaremos a disseminar ideias preconceituosas através de uma literatura tendenciosa que tenta negar as nossas raízes, formando Carmitas preconceituosas com o outro, ou Bel, preconceituosas consigo mesmas.

## Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Helena; MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). Teoria e prática da leitura. In: CHIAPINNI, Lígia (Coord. Geral). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

BRAZ, Júlio Emílio. *Pretinha, eu?* São Paulo: Scipione, 1997 (Série Diálogos).

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. / tradução de Marta Kirst. - Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 8. Ed. São Paulo: T.A. Queiroz, 2000.

KLEIMAN, Ângela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

OLIVEIRA, Maria Anória de J. *Negros personagens nas narrativas literárias infanto-juvenis brasileiras: 1979-1989*. Dissertação (Mestrado em Educação). Departamento de Educação da UNEB, Salvador, 2003.

SILVA, Eli Brandão da. O símbolo na metáfora. In: SILVA, Antônio de Pádua Dias da (Org.). *Literatura e estudos culturais*. João Pessoa/Campina Grande-UFPB – Editora Universitária, 2004.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.